

EM FOCO

DESMONTAGEM VISUAL DE PERFORMANCES DE COMBATE QUE GERAM AS IMAGENS CÍTRICAS DA TRAVESTI¹

*VISUAL DISASSEMBLY OF COMBAT
PERFORMANCES THAT GENERATE THE
CITRUS IMAGES OF THE TRAVESTI*

*DESMONTAJE VISUAL DE LAS PERFORMANCES
DE COMBATE QUE GENERAN LAS
IMÁGENES CÍTRICAS DE LA TRAVESTI*

MARINA SILVÉRIO DA SILVA

1 Uma versão deste texto compõe a minha tese de doutorado em Artes Cênicas. A pesquisa é feita na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, orientada pela Profa. Dra. Daiane Dordete Steckert Jacobs, financiada pela bolsa CAPES e será defendida em 2026.

SILVA, Marina Silvério da. Desmontagem visual de performances de combate que geram as imagens cítricas da travesti. Repertório, Salvador, ano 27, n.41, p.1-19, 2025.1

DOI: 10.9771/rr.v1i01.69120

RESUMO

Este artigo aborda conceitos criados por mim, enquanto uma artista travesti da cena performática e das visualidades, a partir de processos de criação que resultam em performances que são desmontadas e se transformam em imagens. Com uma estrutura de escrita que critica os modelos normativos usados por professores, na avaliação de alunos, que nos acompanha desde a educação básica até a formação acadêmica, o texto pincela a possibilidade de que essa construção identitária normativa também influencia nas nossas performances de gênero e se aloja no comportamento quando se choca com esses modelos e padrões a serem seguidos desde a tenra infância. A escrita tenta visibilizar a existência de corpos travestis desobedientes que se posicionam, pesquisam a violência estrutural e ensinam, dando voz à existência das identidades dissidentes, explanando esses conceitos que transcendem e redesenhando outras formas livres, sem regras, de se pensar e criar arte trans.

PALAVRAS-CHAVE:

Performance.
Desmontagem visual.
Imagens cítricas.
Travesti. Violência.

ABSTRACT

This article explores concepts I created as a transgender artist in the performance and visual arts scene, based on creative processes that result in performances that are dismantled and transformed into images. With a writing structure that critiques the normative models used by teachers in student assessments, which accompany us from basic education through academic training, the text explores the possibility that this normative identity construction also influences our gender performances and becomes embedded in behavior when it clashes with these models and standards to be followed from early childhood. It highlights the existence of disobedient transgender bodies that take a stand, research structural violence, and teach, giving voice to the existence of dissident identities, explaining these transcendent concepts and redesigning other free, rule-free ways of thinking and creating trans art.

KEYWORDS:

Performance. Visual
disassembly. Citrus
images. Travesti.
Violence.

RESÚMEN:

Este artículo explora conceptos que creé como una artista travesti en el ámbito de la performance y las artes visuales, a partir de procesos creativos que resultan en performances desmanteladas y transformadas en imágenes. Con una estructura de escritura que critica los modelos normativos utilizados por el profesorado en las evaluaciones estudiantiles, que nos acompañan desde la educación básica hasta la formación académica, el texto explora la posibilidad de que esta construcción normativa de la identidad también influya en nuestras representaciones de género y se integre en el comportamiento al chocar con estos modelos y estándares que deben seguirse desde la primera infancia. Destaca la existencia de cuerpos travestis desobedientes que se posicionan, investigan la violencia estructural y enseñan, dando voz a la existencia de identidades disidentes, explicando estos conceptos trascendentes y rediseñando otras formas libres y sin reglas de pensar y crear arte trans.

PALABRAS CLAVE:

Performance; desmontaje
visual; imágenes cítricas;
travesti; violencia.

**É preciso articular os processos de redistribuição da violência
com outras formas de cuidado, partindo do princípio
de que é tão fundamental abraçar a própria
violência quanto tornar-se responsável por ela.
Jota Mombaça**

E SE AQUELES MODELOS normativos traumáticos de ensino também influenciassem na formação identitária de corpos? Aqueles modelos de provas mimeografadas cheirando à álcool, de perguntas e respostas; lições de casa; trabalhos; sínteses; resumos; justifique sua resposta; alternativa a, b, c, d, n.d.a. E se a retidão matemática binária das perguntas onde só existe um certo e vários errados influenciassem nas construções performáticas do gênero? E se a lógica científica em que aquilo que não posso provar, não existe e que determinado modelo vigente é o correto até que um outro melhor e mais evoluído o substitua e passe a ser o novo modelo vigente correto influenciasse na concepção da ideia de inexistência de identidades trans? Me pego pensando nisso, enquanto travesti artista e professora quando me percebo produzindo e reproduzindo esses mesmos modelos, por exigência da instituição escolar onde leciono aulas de teatro para crianças de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental.

Durante esses anos iniciais as atividades da disciplina artes, em geral, pedem que a criança desenhe formas, linhas, personagens, cores primárias, secundárias, etc. Pergunto: seriam o Dr. doutorado e a senhora ABNT as novas tarefas de casa da escola num nível avançado, em que, como num jogo, você enfrenta os chefões (doutores que te avaliam), luta pelos seus

ideais e posicionamentos e vence na vida? Como sou moldada por esses modelos, decidi pesquisar na academia meus desenhos, que são praticamente os mesmos da época em que fazia lições de casa de artes, só que agora mais evoluídos num nível avançado, não de técnica, realismo e estudos de sombra, mas com teor crítico, político e visão de mundo travesti.

Pergunto novamente: E se fosse possível desenhar a cena? E se fosse possível criar imagens cítricas que criticam e educam e abordam o universo da transgeneridade e da imagem que a sociedade imagina quando vê um corpo travesti? E se essas imagens cítricas, como num processo de metamorfose da borboleta e da travesti, que desmonta, reorganiza e cria algo outro, tivessem sido performances de combate antes de serem imagens? E se essas performances de combate tentassem retratar a transgeneridade, combatendo e expondo através de ações cênicas as transfobias que batem de frente com um corpo trans? E se todas essas questões fossem possíveis de criar?

Está feito! Está feito! Está feito! Mostre-me.



1- RESPONDA AS QUESTÕES
ABAIXO E JUSTIFIQUE
SUA RESPOSTA:

- A) O que são **Performances de Combate**?
- B) O que é **Desmontagem Visual**?
- C) O que são **Imagens Cítricas**?

.....

Respostas:

A) *Performances de Combate*² são intervenções cênicas / performances teatrais, cunhadas por mim, que abordam o universo da transgeneridade – se referem principalmente à vida de mulheres trans e travestis - a partir de denúncias de violências transfóbicas, das relações interpessoais da transgeneridade com a cisgeneridade, dos processos de transição e das disforias de gênero, da desumanização e abjeção de corpos trans e travestis por parte da sociedade e também das conquistas, visibilidade e realizações. Essas performances buscam combater em cena, de forma quase egoísta, toda a crueldade e hostilidade que um corpo trans, em sua vulnerabilidade social, enfrenta ao longo de sua existência. *Performances de Combate* surgem da necessidade de responder e calar o preconceito, da urgência de também bater, mesmo que em cena, e não apenas apanhar e da pressa por justiça. Combater batendo.

Como combater?

Com o bater. Usando do bater em cena. O coió³ travesti educativo. Aprendendo a acolher a violência, espetacularizar a violência e sair de cena, como nos ensina Mombaça (2021, p.80) que a “autodefesa não é só sobre bater de volta, mas também sobre perceber os próprios limites e desenvolver táticas de fuga, para quando fugir for necessário”. Utilizando do poder da cena e da vida para “aprender a ler as coreografias da violência e estudar modos de intervir nelas. É sobre furar o medo e lidar com a condição incontornável de não ter a paz como opção”.

A cisgeneridade e a branquitude parecem adorar bater primeiro, pra depois ganhar o coió. Quando são racistas ou transfóbicos, num ato masoquista pedem: *Me ensina por favor, eu quero aprender! Calma! Se você não me ensinar, como eu vou saber? Eu só fiz um comentário e já vem com 10 pedras na mão.*

Combater com performances num movimento de incorporação de uma imagem específica e de tomar pra si, ressignificando, mas também reproduzindo mais uma das visões da cisgeneridade sobre corpos negros

2 Escrevi sobre o termo “Performances de Combate” na minha dissertação de mestrado *O diário de uma travesti/artista – a busca pela raiz do ódio e memórias performáticas* (Silva, 2020).

3 Algumas obras que oficializam a língua bajubá são: *Diálogo de Bonecas* (1992) de Jovana Baby; *Aurélia, A Dicionária da Língua Afiada* (2006) de Angelo Vip e Neca; *Romance em Bajubá* (2024) de Amara Moira.

e corpos transvestigêneres. É a imagem da barraqueira, da violenta, da agressiva. Segundo Bruna Benevides, secretária de Articulação política da ANTRA “somos vistas como [perigosas] por lutar pela garantia de direitos econômicos, civis, sociais, políticos e jurídicos, bem como pelo tratamento digno e civilizado às pessoas trans” (Benevides, 2025, p. 6). Essa imagem de combate é a nossa defesa transvestigênere, é uma das tecnologias de sobrevivência, que tenta se infiltrar e hackear os acordos fechados cisgêneros.

As Performances de Combate traduzem a vida de forma cênica e real, sem texto, sem ensaio, um tipo de atuação, que não é apenas atuação e se confunde com a vida. A performance para Diana Taylor (2023, p. 26) é “às vezes [arte], às vezes [ações políticas], às vezes gestão de negócios, às vezes proezas militares, a performance visa criar efeitos e afetos. [...] Se move entre o *como se fosse* e entre o *é*, entre o *simular* e as novas construções do real”.

Algumas das performances que pesquiso são ações cênicas que surgem como resposta à violência que sofro. Como se utilizasse da cena para criar um tipo de justiça e equidade egoísta que não acontecem na vida real. A performance como um tipo de necessidade básica, essencial para a sobrevivência, como um tipo de compromisso obrigatório irrevogável, uma declaração pública sobre uma violência real que recorre à performance, porque vida e performance são vida. Como se respondesse com a cena, meus conflitos pessoais provocados pelas relações interpessoais com a vida. Eu possuo um acervo de cerca de 30 performances e no doutorado optei por falar de 6 dessas performances, onde serão feitas 4 Desmontagens Visuais de cada performance, totalizando 24 imagens cítricas.

A performance A BARATA (2024) fala da violência e espetacularização da violência, de quando o ódio é direcionado a um grupo de pessoas específico e da liberdade e permissividade para agredir o outro, quando se é permitido. Em VIRTUAL (2023) a temática é a prostituição, numa chamada de vídeo com o público, é explorada a espetacularização do cotidiano de uma travesti que trabalha com sexo, da cena e das relações mercadológicas e tecnológicas. PALAVRA (2018) escancara a violência de forma escatológica, através de um banho de cuspes forçado, se utilizando de uma relação

de confiança que se estabelece com o público e que é subvertida em enganação e na quebra desse acordo de confiança, num quase abuso cênico. Já em LIMONADA FRESQUINHA! LIMONADA! (2023) é estruturada uma barraquinha, onde é servida uma limonada ao público, que supostamente está “batizada” com urina, como resposta aos casos de travestis e pessoas trans que ainda são proibidas de usar banheiros públicos, num jogo de verossimilhança da cena que cria a dúvida se há ou não xixi na limonada. Em MARINA BADEN KAMIKAZE (2024) acontece um suicídio assistido, um acordo se estabelece e o público segura a corda que a travesti se enforca, se referindo ao fato de que quando travestis se matam, são suicidadas, assassinadas pelas mãos da sociedade e do sistema. E se o público não soltar a corda durante a queda, um enforcamento real acontece. E por fim, CARA DE PAU (2019) é uma intervenção nas ruas, uma experimentação de um corpo que passeia, cai no chão, seduz as pessoas e interage de forma não convencional com as estruturas funcionais da cidade. Vestida com uma máscara que tem um pênis colado na testa, a performance faz referência a um conceito que explicarei melhor na questão C) sobre as *Imagens Cítricas*, que é a tradução satírica do olhar cisgênero sobre um corpo transgênero, o *Antropomorfismo Genitalizador da Travesti*.

B) Desmontagem Visual é um conceito imaginado por mim, em que, a partir da pesquisa e do processo de construção de uma performance, a “criação poética” é a criação de imagens, a produção de desenhos digitais, a partir de um processo cênico, a performance. Um recurso teatral que é uma ramificação da Desmontagem Cênica, de Ileana Diéguez e Mara Leal (2018).

De acordo com Diéguez (2018, p. 15) “a palavra desmontagem” é um “movimento de criadores inquietos, que instigados se perguntavam sobre processos de trabalho, indagando em fontes culturais marginalizadas, e sentindo prazer em compartilhar as suas estratégias poéticas e cênicas”.

No processo das *Desmontagens Visuais* das *Performances de Combate* são produzidas as *Imagens Cítricas*, que assim como as Desmontagens Cênicas, são “poéticas da experiência” (DIÉGUEZ, 2018, p. 20) porque

geram outras criações, outras linguagens, outras críticas, outras leituras, outras imagens, redesenhando a cena através do desenho.

A desmontagem é o ato de transpor em algo. É a ação e o desejo de tentar traduzir, refazer em outra linguagem. Como seria desenhar a cena? Como seria desenhar um trecho da cena? Desenhar o que se entendeu da cena, captando símbolos, elementos e tornando a cena, imagem. Entendeu ou quer que eu desenhe?

Para emitir uma linguagem mensagem, faço cena, desenho a cena e opto pela imagem da cena. Como adaptar uma performance em espaços públicos para um espaço de um desenho? O que diferencia uma desmontagem visual de uma simples imagem é o radical, a origem, a cena, a intenção crítica e crítica por trás da criação da imagem e a sua dialética.

Desmontagem Visual desmonta a cena em imagem, transicionando em estática captura a exposição de um tempo imaginado. Imagem ilustrativa digital desenhada dentro do recorte da transgeneridade e gerada a partir de raízes que são as ações, os movimentos das performances. A desmontagem é como uma adaptação, tem a ver com o que se pode fazer no espaço do hoje a partir de algo que já aconteceu.

Walter Benjamin (2018), quando pensa sobre as imagens dialéticas, entende que:

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética – não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta. – Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é: não-arcaicas), e o lugar onde as encontramos é a linguagem. (Benjamin, 2018, p.188-189).

Se a imagem dialética *benjaminiana* é um olhar do presente em diálogo com o passado, a transgeneridade é dialética porque travesti é sempre o presente confrontando o presente, mas também um presente preso ao passado, confrontando o passado e fugindo dos multiversos de sofrimento que o passado revela às travestis e aguarda ansioso pra dar o bote em quem se deixar cair nas suas garras. E se a desmontagem visual também é um olhar do presente para o passado é duplamente dialética; duplamente porque o passado da imagem que se cria é a cena, mas também poderia ser puramente o passado de uma vida trans, seus estigmas e glórias que carrega e confronta. É a imagem do conceito Sankofa⁴.

C) Imagens Cítricas são desenhos digitais produzidos à partir das *Desmontagens Visuais das Performances de Combate*. São imagens ácidas, um “punch” de sabor que amarra a boca, faz doer e re-puxar o maxilar de tão cítrico e azeda a alma. Tais imagens representam o escracho, a sátira, a crítica e o deboche e se dividem entre ser uma nova criação a partir da cena, traduzindo o universo da transgeneridade e também reproduzindo o olhar cisgênero sobre um corpo trans.

As *Imagens Cítricas* - um conceito também criado por mim - são o fruto gerado a partir do cruzamento das Imagens Críticas (Didi-Huberman, 2010) e das Imagens Dialéticas (Benjamin, 2018). Uma espécie híbrida que mistura os códigos genéticos dos conceitos e se transiciona num novo campo de saberes e sabores.

Inicialmente, as imagens retratavam momentos variados da transgeneridade: assuntos relacionados a relacionamentos amorosos, rejeições e objetificações, e num segundo momento, passaram a retratar as cenas e recortes imaginados das *Performances de Combate*, no processo de *Desmontagem visual*, que também transicionam cena performática em desenho e criam novas possibilidades de pesquisa. As *Imagens Cítricas* da Travesti são imagens trans, que transicionam conceitos e linguagens.

No processo de criação das imagens, os desenhos digitais são feitos com os dedos, no touchpad (painel tátil) de um notebook na ferramenta Paint

4 Sankofa é uma imagem representada por um pássaro com a cabeça voltada para trás. “O símbolo é traduzido por: [retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro]”. (ROSA, 2011). Site: Itaú Cultural. Acessado em 24/06/2025.

3D. Um programa de desenhos extremamente subestimado, desprezado, desvalorizado e diria até, ridicularizado, pela comunidade artística elitista, cisgênera e branca. É um tipo de subversão utilizar um programa de desenho marginalizado, quase infantil, com recursos escassos e limitados, como forma de registrar obras de arte transvestigêneras, para retratar as atrocidades que atingem um grupo social também marginalizado, extremamente subestimado, desprezado, desvalorizado e ridicularizado pela comunidade cis, em geral. A opção por utilizar a ferramenta *Paint* também se dá por falta de oportunidades, recursos financeiros, equipamentos e privilégios.

Algumas da *Imagens Cítricas* são a tentativa de reproduzir a forma visual que o “olhar cisgênero” vê um corpo transgênero. O olhar cis enxerga um corpo travesti como um grande pau / pinto / cu / pênis ambulante, ou enxerga pintos em todas as partes do corpo trans, num misto de tentar classificar aquele corpo como masculino, como se pênis fosse algo determinante, que define o gênero; num sentido sexual pois corpos travestis e trans são vistos como permissivos e hipersexualizados, como se só tivessem serventia no sexo; e num sentido de representação da violência, sendo o pau, a representação da arma que mata pessoas trans e travestis, a representação da cisgeneridade agressora. Tal conceito, chamei de Antropomorfismo Genitalizador da Travesti.

Na tentativa de entender as *Imagens Cítricas*, bastam algumas pinceladas no universo da Fotografia, para se criar uma relação entre a criação das imagens com a revelação de uma foto. A Imagem Latente (Barthes, 1984) é uma imagem que está e não está, ela já existe, já foi capturada, mas ainda não se materializou em revelação, poderia ser vista como o pensamento, a imaginação cisgênera, algo que só existe internamente numa realidade consciente moldada para odiar a transgeneridade e já a Imagem Visível (a revelação da imagem), seria a representação, como em uma fotografia, da visão e do pensamento comum da sociedade sobre um corpo de uma travesti. A forma como me olham e me vêem.

O Antropomorfismo para Didi-Huberman (2010, p. 121), é uma estrutura fundamental do olhar humano, pois toda imagem carrega uma relação com o corpo e a humanidade. Quando crio braços em um pênis ou coloco uma boca em um cu, faço uma crítica a um tipo de antropomorfismo compulsório cisgênero, que insiste em tornar humano, meu corpo, se utilizando de órgãos genitais - preenchendo ou substituindo com órgãos genitais, meu corpo ou partes dele, que já são humanas, mas que não são vistas como humanas. Um corpo travesti não humano, ou mais que humano (Haraway, 2009) precisa ser preenchido com elementos humanos que o tornam humano, o classificam e localizam o gênero, relacionando com o órgão genital de nascimento, para que possa estar dentro da normatividade construída. Portanto, assim como enxerga uma vulva em uma árvore, que não é um ser humano, a cisgeneridade tende a enxergar pênis e ânus no meu corpo, que também não é considerado um corpo humano.

O pênis carrega consigo a simbologia do masculino, do falocêntrico, embora saibamos que pênis não é uma exclusividade do universo dos homens - talvez seja exclusividade dos homens cis - afinal existem as travestis, mulheres trans, transfemininas e pessoas não-binárias que possuem pênis e existem as pessoas transmasculinas, boycetas, homens trans e pessoas não-binárias que possuem vagina. Sabemos também que o pênis travesti não acessa os mesmos lugares de poder que um pênis cisgênero - ao pênis travesti é reservado o lugar de hipersexualização, fetiche, objetificação, fantasia em ser penetrado por uma mulher travesti com pau, deslegitimação e eventualmente, repulsa pelo órgão que é visto como algo masculino, que necessita ser aquendado e que dificilmente será chupado. O exercício de classificar uma travesti tal qual um homem homossexual cisgênero e enxergá-la como um corpo pênis é justamente, impor que a construção social que se dá em corpos que nascem com pênis precisa ser mantida. Quando me dizem: Vira homem! - inconscientemente o interlocutor está afirmando que para ser homem, é necessário tornar-se homem, agir como homem e performar a masculinidade.

As *Imagens Cítricas*, sejam elas críticas, dialéticas, cítricas, satíricas, debochadas ou alegóricas são performances eternas.

2 – DÊ UM EXEMPLO DE UMA *DESMONTAGEM VISUAL* DE UMA DAS *PERFORMANCES DE COMBATE* E CRIE UMA *IMAGEM CÍTRICA* DA TRAVESTI:

Performance: A BARATA

Ações: Caracterizada com antenas e roupas chamativas que fazem referência a uma barata, danço ao som de uma paródia da música *A Barata*⁵, cantada e regravada por mim. A música está no *repeat*, ou seja, fica sendo reproduzida inúmeras vezes, num som quase torturante. Eu carrego uma bolsa com moedas de 5, 10 e 25 centavos. Há uma pilha de chinelos no espaço e uma placa com os seguintes dizeres: Bata na barata e ganhe dinheiro!

Quando alguém pega o chinelo e bate em mim, a barata Marina, eu jogo uma moeda no chão para a pessoa que me bateu. As ações são: dançar, interagir e quando levar uma chinelada, dar uma moeda ao agressor.

A performance A BARATA foi criada no segundo semestre de 2023, durante a disciplina (seminário temático) do doutorado Eco-performances – Cosmologias mais que humanas e as artes do corpo ministrada pela prof^a. Dr^a Bianca Scliar na UDESC. A disciplina me provocou a criar uma performance que explorasse a temática do *não humano* (Ahn, 2022) e *mais que humano* (Haraway, 2009).

A performance faz referências à série *Black Mirror*, episódio: “Engenharia Reversa”, em que um grupo específico de pessoas tem a sua imagem adulterada através de lentes de contato utilizadas pelo exército, que as representam imagetivamente como monstros que devem ser exterminados.

Também se inspira no filme *Bastardos Inglórios* – onde na cena de abertura, um soldado nazista convence um homem que está acobertando vizinhos judeus em seu porão a entregá-los aos nazistas, justificando que esse grupo

5 “A Barata Diz que tem” é uma cantiga popular de origem europeia.

de pessoas deve morrer, porque naturalmente o ser humano tem preferência por alguns grupos específicos de pessoas e exterminam outros. *Toda doença que o rato pode espalhar, o esquilo também pode. Concorde? Mas não sente pelos esquilos o mesmo que sente pelos ratos, não é?*

Inspira-se também na obra *A metamorfose* de Franz Kafka, no sentido de se metamorfosear em um inseto odiada e repugnante, num contraste com as normas sociais vigentes.

Respeita a minha história! Respeita o meu trabalho de corpo, meu tônus, minha propriocepção, meu gestus, meus distanciamentos, minhas desmontagens! Cada pedacinho construído, foi repensado: encaixar-se no espectro da performance da mulheridade. Calar a testosterona, aspirar os músculos, roliçar o corpo, queimar os pelos, esmagar o saco em calcinhas feitas pra quem só tem testa (travesti tem conteúdo exterior), pisar na garganta e tentar afinar o grave, camuflar o gogô com gargantilhas, cerrar 20 centímetros de perna e ter 1,60m pra ser menos chamativa e evitar a fadiga da objetificação travesti, e cerrar também os braços na proporção áurea. Meu sonho é não sofrer misoginia, deslegitimação, disforia e transfobia, mas como não se pode ter tudo, se eu tivesse que escolher, iria preferir sofrer apenas misoginia. Meu corpo é história real acontecendo agora.

Sou a imagem dialética do hoje, conversando com meu passado quando lida como menino. Sou o paradoxo do navio de Teseu e já não sei mais se o que eu sou, o que eu era no pretérito imperfeito, o que eu fui no pretérito perfeito e o que eu poderia ser, sou só eu hoje. Meu pai dizia: Eu sou só um só! E eu também sou só uma só. Só mais uma sozinha e também é bom estar sozinha (quero acreditar que sim) seres humanos me dão dor de cabeça, sinto que para estar com os outros, preciso ser outra, diferente de quando sou só uma só e isso me desgasta. A eu dos outros não é a mesma que a eu de mim. Aprender a ser travesti envolve ser misantropa. Será que uma barata voadora odeia, sente nojo, repulsa e medo do ser humano, tanto quanto sentimos dela?

Se me dão chineladas, eu é que não vou dar a outra face. Meu desejo é voar na sua cara, posar com minhas patinhas sujas de esgoto e doenças mortais e caminhar por dentro da sua roupa, nas suas costas, pescoço, cabeça, entrar dentro do seu nariz e sair pelo seu ouvido ou pelos seus olhos e depois entrar no seu cu e sair pela cabeça do seu pau ou pela vagina, dar um tour corporal inofensivo, mas suficiente pra que você se debata e grite por socorro! TIRA ESSA BARATA DE MIM! TIRA! Coitada da barata, não morde, não ferroa, não tem veneno, é tão suja quanto qualquer inseto e um simples passeio pelo seu território é motivo pra quererem matá-la.

Então eu não posso andar por aí? Ocupar? Dar rolezinho? Escancorar minha existência? Ao invés de voar na sua direção, prefiro fugir e me esconder debaixo de algum móvel ou me jogar de uma janela em direção ao esgoto mais próximo. Prefiro o esgoto, do que estar com você. Você é que me faz preferir o esgoto.

Sou a imagem do hoje, uma mulher do meu tempo nos seus 30 e poucos anos, dialogando com o ontem e aprendendo a ser travesti, já aprendi como lidar com os olhares do outro e a melhor forma de apanhar e se curar. Aprendi a transar e como se casa, mora junto e vive toda a toxicidade da posse monogâmica e dos acordos de fidelidade em troca de serviços domésticos (Núñez, 2023) sem nem sequer ser religiosa. Respeita meus cabelos, brancos cisgêneros! Respeita meu silicone caro que a minha mãe pagou.

Barata é a sua mãe! Eu sou cara, minha cara! Pra me ver, só se me contratar! Eu cobro pela minha companhia a cada 1 hora. E te seduzo com moedas baratas pra te colocar dentro da minha cena e provar que você se vende fácil e me bate por muito pouco, quase nada. Me bate porque você me odeia assim como odeia uma barata.

O barato da performance A BARATA é denunciar em praça pública. É espetacularizar o cotidiano e contar pra todo mundo metaforicamente, ou não, como exatamente acontecem as violências. *Venham ver o que estão fazendo comigo! Vou mostrar pra vocês como as pessoas me batem!*



FIG. 1: Fuja da Cisgeneridade (2024).
Fonte: Desenhado pela autora.

Não faça contato visual. Evite o contato físico.

Se estiver na mesma calçada, atravesse a rua e mude para a outra calçada.

Se a cisgeneridade te interpelar saia correndo o mais rápido que puder.

A cisgeneridade não deixa barato.

Voa!

CASTIGO

Escreva mil vezes a frase abaixo, para que você nunca mais seja desobediente:

“Eu não devo desobedecer as normas, é preciso seguir as regras.”.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

eu devo desobedecer as normas, não é preciso seguir as regras.

Este texto é um tipo de catalogação de novos termos e conceitos que passam a ocupar uma estante nos acervos dos estudos trans. Tanto eu, quanto Paul Preciado, Jota Mombaça, estamos contribuindo com nossas pesquisas na desmontagem do que seria o modelo correto identitário binário cisgênero vigente e estamos reorganizando e elaborando criações de um pensamento sobre corpos trans, fundamentado e legitimado pelos poderes da academia que transformam arte e estudos trans em pesquisa científica. A Ciência dos estudos Trans.

É subversivo e contraditório o fato de que a mesma ciência que não legitima a existência de corpos trans, seja obrigada a acolher a pesquisa científica dissidente no campo das artes. Não é só sobre substituir um modelo vigente decadente e dialético por outro modelo novo, revolucionário e correto, e sim, sobre permitir que vários modelos vigentes possam confluir e existir juntos sem juízo de valor e sem que sejam classificados como certos ou errados.

A pesquisa científica travesti no campo das artes só quer poder existir, viver, quer ter credibilidade, ser reconhecida, legitimada e quer poder ter influência com base científica na criação de novos pensamentos da sociedade quando se relaciona com corpos trans e travestis. A pesquisa científica travesti quer bater as asas de barata ou de borboleta, porque ambas são lindas e importantes na natureza e sobreviver em meio a tantos conceitos, voando como imagens pelas mentes, que não mais contribuirão com suicídios, assassinatos e deslegitimação da existência da Travesti.

REFERÊNCIAS

- AHN, SunYoung. Magia, Necromancia e a virada não humana. Montly Review, 2022.
- BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENEVIDES, Bruna G. Dossiê, assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2025.
- BENJAMIN, Walter. Passagens. Tradução de Das Passagen-Werk. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. (Volume II, convoluto N).
- DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 2010.
- HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- LEAL, Mara; DIÉGUEZ, Ileana. Desmontagens: Processos de pesquisa e criação nas artes da cena. Editora 7 Letras. Rio de Janeiro, 2018.
- MOMBAÇA, Jota. Ñ vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- NÚÑEZ, Geni. Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- [nome da autora e título da dissertação de mestrado removido para avaliação]
- ROSA, Iara. Abdias Nascimento. Site: Itaú Cultural, 2011. Disponível em:
<https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/#:~:text=H%C3%A1%20na%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20africana%20um,presente%20e%20construir%20o%20futuro%E2%80%9D>.
Acessado em: 24/06/2025.
- TAYLOR, Diana. Performance. São Paulo: Perspectiva, 2023.